

## “GALÁXIAS”: O PASSADO SOB O OLHAR DO PRESENTE

“GALÁXIAS”: THE PAST UNDER THE LOOK OF THE PRESENT

Geovanna Marcela da Silva Guimarães<sup>1</sup>  
Izabela Guimarães Guerra Leal<sup>2</sup>

**RESUMO:** A partir do poema “Galáxias”, publicado em 1984, vemos que o trabalho literário de Haroldo de Campos está em sintonia com o seu projeto de tradução poética, no sentido em que ambos revelam um grande interesse do autor pelo plurilinguismo, a mestiçagem e o diálogo entre línguas e culturas. Em “Galáxias” esse trabalho se concretiza por meio de uma leitura da tradição marcada pelo jogo entre o antigo e o novo, a memória e a criação, e pela intertextualidade e o diálogo do poeta paulista com outros autores. Esta pesquisa tem como objetivo mostrar como a discussão sobre tradição é tratada por Haroldo de Campos e o valor que ela possui na compreensão de sua obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Haroldo de Campos. Tradição. “Galáxias”. Tradução.

Na vasta obra de Haroldo de Campos, que inclui ensaios críticos, poemas e traduções, percebemos o valor concedido à questão da tradição, pensada literariamente e historicamente como um dos aspectos da formação da identidade cultural de um povo. Segundo Diana Junkes Martha Toneto (2008) em “Entre a invenção e a tradição: história e utopia no projeto poético de Haroldo de Campos”, a discussão sobre a tradição é muito acentuada na obra haroldiana, sendo esta analisada sob a égide da perspectiva da poética sincrônica, que é a compreensão de uma época a partir da leitura de uma obra ou movimento literário significativo, e da construção de um *paideuma*, conjunto de obras escolhidas na poética sincrônica como representante da tradição literária de sua época. As obras escolhidas como *paideumas* na poética sincrônica são aquelas que, quando retomadas no presente da criação, suscitam a inovação na poesia. Serão elas que irão representar no presente a perspectiva da mudança, da criação e da inovação.

---

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Letras (Habilitação Língua Portuguesa) da Universidade Federal do Pará. Membro do Grupo de pesquisa “A Tradução como recepção na literatura portuguesa e brasileira contemporânea”, coordenado pela Profa. Dra. Izabela Guimarães Guerra Leal. E-mail: geovanna\_marcela@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Docente do Curso de Letras (habilitação em língua portuguesa) da UFPA e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPA. E-mail: izabelaleal@gmail.com

Haroldo de Campos em “A arte no horizonte do provável e outros ensaios” (1969) dedica uma seção inteira, “Por uma poética sincrônica”, a essa discussão. Esta seção é composta por três ensaios intitulados: “Poética Sincrônica”; “O Samurai e o Kakemono” e “Apostila: Diacronia e Sincronia”. Nesses ensaios será enfatizada a relação dialógica existente entre diacronia e sincronia, que em Haroldo de Campos serão conceitos tratados sob o viés da estética e da literatura. Haroldo de Campos diz que o primeiro passo para uma profunda revisão do nosso “passado poético” (CAMPOS, 1969, p. 208) a partir do olhar da poética sincrônica é a criação de uma *Antologia Brasileira da Invenção* que perscrutaria autores e obras desde o Colonial até o Modernismo. A seleção dos autores que iriam compor essa *Antologia* se daria pela enumeração das contribuições que cada um deu à poesia brasileira. Tal contribuição estaria relacionada à renovação das formas poéticas, o que acarretaria a ampliação e a diversificação da nossa linguagem poética.

Primeiramente, a poética sincrônica (sincronia), diferentemente da poética diacrônica (diacronia) – caracterizada pela documentação, catalogação e cronologia dos fatos históricos e dos movimentos literários –, possui uma função de caráter crítico, criador e retificador dos fatos descritos pela diacronia. Na poética sincrônica o caráter estético-criativo prevalecerá sobre o caráter factual-histórico. Ou seja, para a poética sincrônica não haverá tanta importância o olhar histórico-literário caracterizado pela cronologia dos períodos literários onde cada autor e obra terão lugares definidos na História. É como diz Haroldo de Campos, valendo-se das palavras de Roman Jakobson:

Para o crítico de visada sincrônica não interessa o horizonte abarcante e esteticamente indiferente da visão diacrônica. Roman Jakobson fornece os subsídios para a elaboração desse conceito, quando escreve: “A descrição sincrônica considera não apenas a produção literária de um período dado, mas também aquela parte da tradição literária que, para o período em questão, permaneceu viva ou foi revivida [...] A escolha de clássicos e sua reinterpretação à luz de uma nova tendência é um dos problemas essenciais dos estudos literários sincrônicos” (CAMPOS, 1969, p. 207)

Contudo, para Toneto, a compreensão do trabalho poético haroldiano só pode ser efetuada a partir do questionamento de como a tradição é resgatada em sua obra e por que Haroldo de Campos se propõe a fazer tal resgate. E será em busca da resposta a esse questionamento que pretendemos analisar o poema “Galáxias”, que possui dentre seus objetivos, mais pre-

cisamente poéticos, o de ler e renovar o passado sob o olhar criativo e crítico do presente. Vale dizer que a leitura e renovação do passado se darão por meio da ruptura, criação e invenção poética dos signos.

Em “Galáxias” teremos o resgate da tradição por meio da intertextualidade com obras do cânone da literatura universal, tais como *A Divina Comédia*, *As Mil e Uma Noites*, *Fausto*, *Ulisses*, *Macbeth*, *Odisseia* e *Os Lusíadas*, entre outros. Todas essas obras representam em sua essência a época e a literatura de seu tempo. Ao escolher *paideumas*, Haroldo de Campos seleciona obras possuidoras de um valor estético bastante significativo, sendo que um desses valores será o da perenidade. Todas as obras citadas acima são perenes na historiografia literária universal, pois permaneceram na tradição literária, indo além de seu tempo e história, influenciando novas obras e autores.

Ao fazer a releitura do cânone e a criação de uma nova poética, Haroldo de Campos estará indo além da historiografia literária pré-estabelecida, pois uma nova leitura do passado no presente criará um novo passado. No momento em que houver uma nova leitura do cânone, que é a tradição, teremos o resgate daquilo que outrora passou despercebido em leituras anteriores. Uma nova leitura do passado suscitará novos significados e sentidos à palavra poética. Com isso Haroldo de Campos inova e radicaliza os padrões poéticos vigentes.

Como excelente poeta que era, Haroldo de Campos, ao reinventar o cânone em sua poesia, conseqüentemente, modifica o seu sentido. Os temas principais de “Galáxias” são clássicos, mas o sentido que eles irão possuir é novo. Por exemplo, a viagem é um tema recorrente na poesia épica, mas no poema galáctico ganhará uma nova roupagem, distinta daquela que a fez conhecida no passado.

A viagem na *Odisseia* e em *Os Lusíadas*, que são obras épicas, é movida pela busca de algo. Na *Odisseia*, a viagem de Ulisses é movida pela necessidade de retorno à sua terra, Ítaca, enquanto que em *Os Lusíadas* ela é movida pela busca do caminho marítimo para as Índias, que acaba por revelar um mundo desconhecido até então. Em “Galáxias”, porém, a viagem não tem busca, não tem um porto seguro para autor e leitor se ancorarem. A intenção da viagem é mostrar o mar, o mar da linguagem, e o labor do poeta ao enfrentá-lo. A viagem galáctica não tem fim. Não há um ponto de chegada. Só ponto de partida.

\* \* \*

Em “O mar e as viagens: épico e romance grego antigo em ‘Galáxias’ de Haroldo de Campos” (2011), Diana Toneto nos diz que é quase impossível separar na obra haroldiana o discurso vanguardista da poesia. E que, por isso, podemos tomar “Galáxias” como sendo uma representação da união entre crítica literária e poesia, que são traços muito marcantes nas obras de Haroldo de Campos. Podemos encontrar nos fragmentos galácticos pensamentos sobre o fazer poético; a transformação e criação da linguagem; o labor do poeta ao fazer poesia; poesia oriental, latino-americana; neobarroquismo e tradução. Porém, não será nesses aspectos poéticos que a autora irá deter-se. O foco central da autora será o interesse de Haroldo de Campos pela poesia grega, que servirá em “Galáxias” como ferramenta de resgate da tradição.

O resgate da tradição que é feito por Haroldo de Campos não possui o intuito de trazer o passado para que ele continue o mesmo no presente. Quando o passado é resgatado pelo poeta ele é reinventado e transformado. Essa transformação se dará por meio da leitura, que é uma viagem pelo mundo da linguagem. A cada nova leitura o texto será transformado, será outro. Os significados já não serão os mesmos da primeira leitura. Os símbolos e signos terão outros sentidos. Assim como numa viagem, o caminho que seguimos diversas vezes nem sempre será o mesmo. A cada novo percurso algo que antes não havia sido percebido saltará aos nossos olhos. É como a autora diz: “Assim, para Haroldo, a literatura, ao menos em termos de leitura, é, simultaneamente, passado e presente, ou ainda, valorização do passado à luz do presente, já que os ‘fatos’ literários voltam a acontecer a cada leitura” (TONETO, 2011) Em “Galáxias” o passado é retido no presente e com a sua leitura ele poderá ser reinventado. Uma nova leitura sempre suscita novos significados. Por isso, uma nova leitura dos textos gregos antigos tais como a *Odisseia*, produziria novos significados para a obra. Diana Toneto diz que o diálogo com a poesia grega realizado em “Galáxias” ocorre a partir do momento que Haroldo de Campos utiliza em seu poema alguns recursos da poesia antiga, que são a evocação e a oralidade.

A transformação e o resgate da tradição por meio da poesia contemporânea acontecem pelas modificações semânticas e sintáticas impostas à linguagem pelo poeta paulista, que irá criar neologismos e novas estruturas sintáticas, e com isso a linguagem se distenderá em um mar de signos. Os signos perderão o seu significado tradicional para adquirirem outros.

Contudo, só teremos essa compreensão sobre “Galáxias” quando começarmos a olhá-lo como um livro-viagem. Viagem essa que só será possível se o leitor assumir o papel de viajante.

Para Inês Oseki-Dépré em “Leitura Finita de Um Texto Infinito: ‘Galáxias’ de Haroldo de Campos” (2011) o diálogo, ou melhor, a intertextualidade de “Galáxias” com os textos gregos antigos, mais precisamente com os textos homéricos, está conjugada a uma poesia em transformação por meio da tradução e da paródia. Inês Dépré, da mesma maneira que Diana Toneto, diz que essa intertextualidade remete ao passado e ao futuro de uma tradição, que só será resgatada caso o leitor possua um conhecimento prévio sobre literatura e linguagem poética. Caso ele não possua esse conhecimento não será possível a decodificação dos significados contidos no texto. É como Dépré afirma: “Em suma, trata-se de mostrar que se o texto traz em si um saber sobre literatura, ele comporta outros elementos cognitivos a serem decodificados no momento de sua recepção” (DÉPRÉ, 2011, p. 128). Para isso temos o ensaio de João Alexandre Barbosa, “Literatura nunca é apenas literatura”, onde nos é dito que a literatura nem sempre é apenas literatura por nela estarem inseridos outros elementos e conhecimentos, tais como a história, a psicologia, a sociologia e a lingüística. E no poema de Haroldo de Campos temos um saber sobre a linguagem poética que só será compreendido se o leitor tiver o conhecimento da linguagem haroldiana, que é uma linguagem dinâmica, plural e cosmopolita, e da linguagem poética. Isso remete ao que diz João Barbosa, ao citar Northrop Freye, que a leitura de uma obra literária requer do leitor que ele tenha o conhecimento de duas linguagens: a língua em que o poeta escreve e a língua da poesia. O autor frisa ainda que a linguagem poética quando se realiza numa obra literária é capaz de potencializar todas as outras linguagens, como a pictórica e a musical. “Galáxias” é um exemplo dessa potencialização da linguagem, pois em sua estrutura podemos ver diversas outras linguagens.

O próprio Haroldo de Campos diz em “Do epos ao epifânico (Gênese e Elaboração das “Galáxias”)” que sua pretensão foi a de escrever um epos sem ‘estória” (2010, p. 271). Ou seja, um poema sem história, sem um eu-lírico, sem um enredo. Quem é o eu-lírico de “Galáxias”? É o poema? O autor? O leitor? O eu-lírico de “Galáxias” é o próprio poema. É por isso que ele nomeia “Galáxias” como o livro-viagem, que será paródico, psicodélico e homérico (p. 271). Paródico, por transcriar obras e autores; homérico, por se valer da figura

de Ulisses, o marinheiro viajante, para resgatar a tradição; e psicodélico, por brincar e misturar as palavras e os sentidos.

Ulisses é escolhido, pois é um signo da tradição clássica grega. Quando Haroldo de Campos se dispõe a retomar uma tradição já existente ele faz uma seleção crítica do que seria um “projeto de leitura” possuidor de características históricas e estéticas significativas. Em *A sombra de Ulisses* (2005) Piero Boitani se propõe a investigar a importância que Ulisses, herói do poema épico de Homero, *Odisseia*, possui dentro da história da cultura Ocidental Moderna. Para isso, Boitani mostra que Ulisses ganha, dependendo da época que o ler, diversos sentidos e significados. Por isso, Ulisses é um signo. E como tal possui um significado que lhe é atribuído. Por exemplo, Boitani diz que:

Ulisses constitui aquilo que alguns críticos contemporâneos definiriam como “discurso” da civilização ocidental; para os historiadores um “imaginário” de longa duração – em outros termos, um arquétipo mítico que se desenvolve na história e na literatura como um constante *logos* cultural (BOITANI, 2005, p. XIV).

Nesta citação vemos que Ulisses não é apenas um personagem literário. Ele é um signo mítico que permanece na tradição universal. Isso quer dizer que ele não representa apenas uma única cultura. Ele representa todas as culturas. Isso porque Ulisses é o “antigo e moderno ao mesmo tempo” (BOITANI, 2005, p. XIV). É esse resgate que Boitani se propõe a mostrar em seu livro. Partindo dessa proposta, o autor analisa os vários “resgates” de Ulisses na história literária que perpassam pela Antiguidade e pela Modernidade. Nessa cronologia nos deparamos com Dante Alighieri e sua *Divina Comédia*; James Joyce com seu *Ulysses* e Haroldo de Campos com *Finismundo: a última viagem*.

.A sombra de Ulisses é a perenidade da sua figura como o herói viajante que sempre está em busca de seu destino, da sua origem. Por seu caráter simbólico, Ulisses sempre estará, mesmo que indiretamente, presente em outras viagens. Viagens cujo destino é o desconhecido. Em “*Galáxias*” podemos entrever a tradição épica do mar e das viagens no momento em que Haroldo de Campos, em diálogo com Homero no fragmento *multitudinous seas*, encarna toda a tradição marítima e épica.

Multitudinous seas incardine o oceano oco e regougo a proa abrindo um sulco a popa deixando um sulco como uma lavra de lazúli uma cicatriz continua na polpa vio-

leta do oceano se abrindo como uma vulva violeta a turva vulva violeta do oceano óinopa pónon cor de vinho ou cor de ferrugem conforme o sol batendo no refluxo de espumas o mar multitudinário miúdas migalhas farinha da água salina na ponta das maretas esfarelando ao iris nuntia junonis cambiando suas plumas mas o mar mas a espuma mas a espuma mas a espumaescuma do mar recomeçando e recomeçando o tempo abolido no verde vário no aquário equóreo o verde flore como uma árvore de verde e se vê é azul é roxo é púrpura é iodo é de novo verde glauco verde infestado de azuis e sulfú e pérola e púrpur mas o mar mas o mar polifluente se ensafirando a turquesa se abrindo deiscente como um fruto que abre e apodrece em roxoamarelo pus de sumo e polpa e vurno e goma e mel e fel mas o mar depois do mar depois do mar o mar ainda poliglauco polifosfóreo noturno agora sob estrelas extremas mas liso e negro como uma pele de fera um cetim de fera macio de pantera o mar polipantera torcendo músculos lúbricos sob estrelas trêmulas o mar como um livro rigoroso e gratuito como esse livro onde ele é absoluto de azul esse livro que se folha e desfolha que se dobra e desdobra nele pele sob pele pli selon pli... (CAMPOS, 2004, “multitudinuos seas”)

No fragmento acima, “multitudinous seas”, o mar é descrito pelo poeta, ou melhor, pela linguagem e pelos signos, pois no poema “Galáxias” não é Haroldo de Campos quem descreve o mundo. É a linguagem quem descreve e fala sobre si mesma como sendo uma vulva violeta que se abre para receber a proa da espuma que vem sobre as ondas salinas. A cor do mar sempre muda, ora é verde ora é turquesa. Podemos notar que há certa conotação sexual para representar o livro como viagem. O poeta se vale dos termos vulva, orgasmo, dentre outros, para descrever o processo da folhagem e refohagem do livro como sendo o movimento constante da leitura e releitura.

O tema da viagem marítima é retomado no fragmento “mais uma vez junto ao mar”, que configura o retorno do poeta ao *marlivro*, que agora é o mar-signo.

mais uma vez junto ao mar polifluxobórboro polivozbárbaro polúbloibos polyfizyboisterous weitaufrauschend fluctissonante esse mar esse mar esse mar esse mar-texto por quem os signos dobram marujando num estuário de papel num mortuário num monstúário de papel múrmur-rúmor-remurmnhante escribalbuciendo você converte estes signos você os ergue contra tuas ruínas ou tuas ruínas contra estes signos balbucilente solotreado a sóbrio neste eldorido feldorado latinoamargo tua barroca mortopopeia ibericaña na primeira posição do amor ela ergue os joelhos quase êmbolos [...] os signos dobram por esse texto que subsume os contextos e os produz como figuras da escrita uma polipalavra contendo todo o rumor do mar uma palavra-búzio que homero soprou e que deixa transoprar através de sucessivas traduções encadeadas vogais vogando contra o encapelo móvel das consoantes assim viagem também microviagem num livro-de-viagens.... (CAMPOS, 2004, “mais uma vez junto ao mar”)

No fragmento transcrito acima vemos que o poeta retorna ao *martexto*, ao *marlivro*. Da mesma maneira, vemos o papel que a linguagem possui no poema galáctico. Haroldo de Campos dá autonomia à linguagem e ao signo para se autorrepresentarem. Isso é possível, pois eles têm capacidade de se “dobram” em novos sentidos e significados. Esse fragmento pode ser lido como continuação do fragmento “multitudinous seas”, contudo com uma pequena diferença. Enquanto o primeiro fala sobre o mar, a viagem e o livro, o segundo falará sobre a linguagem, o signo e a tradição. Em “Uma leitura finita de um texto infinito: “Galáxias” de Haroldo de Campos” (2011) Inês Oseki-Dépré, que é por sinal a tradutora francesa de “Galáxias” entre outras obras de Haroldo de Campos, também analisa o fragmento “mais uma vez junto ao mar”, fragmento de número 45 do poema galáctico. Para a autora, tanto o fragmento analisado anteriormente quanto o poema “Galáxias” em si podem ser tomados sob a óptica da intertextualidade e do diálogo entre línguas e obras.

É por este motivo que, segundo Dépré, “não podemos nos contentar com uma leitura semiótica que se limite a confirmar o pertencimento do texto ao domínio poético, ainda que como um tributo à literatura, imbricado em uma convocação/ denúncia da realidade. Na verdade, o projeto “Galáxias” é muito mais amplo, uma vez que religa o antigo e o novo, mas, sobretudo, porque propõe uma nova leitura e da literatura e da realidade.” (2011, p. 149) Portanto, “Galáxias” não é apenas um texto poético. Ele é um poema que reúne em si a realidade e a história; o velho e o novo (o clássico e o moderno). E será com esses encontros, propostos pelo poeta, que haverá a leitura crítica da tradição. Tal leitura crítica da tradição faz com que “Galáxias” entre em diálogo com obras clássicas como *Odisseia* e *Os Lusíadas*. Esse diálogo, que também pode ser entendido como uma intertextualidade, é explicado por Dépré por meio do processo de tradução poética tão presente nos trabalhos de Haroldo de Campos. A tradução é encarada por Dépré como sendo a ferramenta necessária de percepção das nuances da escrita galáctica. É com a tradução que percebemos a intertextualidade com obras tanto estrangeiras quanto nacionais. Segundo Dépré, ““Galáxias” traz em si uma teoria da tradução como meio (instrumento) poético” (2011, p. 144).

No texto ““Galáxias” – Fragmentos de Babel”, Cristina Monteiro de Castro Pereira afirma que “Galáxias” “encarna o espírito de caos babélico” (2008) devido à sua essência plural, criadora e tradutora. A autora, no início do texto, explica o significado que o mito de

Babel e da língua adâmica possuem para o processo de tradução, ao mesmo tempo, explica a sua importância nas teorias de Walter Benjamin e Haroldo de Campos. “Galáxias” encarna Babel por sua multiplicidade linguística e literária a ponto de se tornar equivalente à tradução, no sentido que proporciona autonomia à linguagem e aos signos. Autonomia esta que favorecerá a criação e recriação poética, fazendo do poema “um texto sem conteúdo fixo” (PEREIRA, 2008). Esse movimento possibilitará que a leitura de “Galáxias” ocorra de diversas maneiras. Maneiras essas que poderão ser barrocas, metalinguísticas, metaliterárias, concretas. É como diz Pereira: “É pertinente ler ‘Galáxias’ por diversos caminhos. É possível compará-la a obras de Dante ou de James Joyce; lê-la sob luz barroca; tratá-la como metaliteratura ou comparar seus procedimentos com os da poesia concreta” (PEREIRA, 2008)

Haroldo de Campos em “Transblanco: reflexões sobre a transcrição de Blanco, de Octavio Paz, com excursão do poeta sobre a teoria da tradução do poeta mexicano” (1994) afirma que a tradução é uma operação semiótica possuidora de dois sentidos: o estrito e o lato. O sentido estrito corresponde à tradução de poesia encarada como sendo a operação que põe em constante diálogo diversas obras, línguas, autores e culturas. O sentido lato corresponde à tradução como um processo semiótico que é tomado como um “capítulo por excelência de toda teoria literária” (p. 64). Este “capítulo” será pensado por Haroldo de Campos como algo que estará em constante e incessante movimento no espaço e tempo da realidade e da arte. Partindo desse pressuposto, Haroldo de Campos pensará como uma tradição pode ser refletida numa tradução. A tradução poética, segundo Haroldo de Campos, é uma prática semiótica especial, cujo intuito é captar o que há de mais poético dentro de uma poesia pertencente a uma determinada língua.

O trabalho poético em “Galáxias” utiliza procedimentos semelhantes aos da tradução, pois o movimento, na tradução, é travessia. O movimento que há em “Galáxias” possibilita a travessia de um espaço para outro, de uma língua para outra, da mesma forma que a tradução também possibilita essa travessia entre a língua de chegada e a língua de partida. Pereira diz que nessa equivalência o que realmente importa é a maneira como essa travessia ocorre, sendo ela semelhante ao processo de transcrição, que será o responsável por esse movimento de aproximação e travessia. No fragmento “nudez o papel-carcaça” temos a aproximação do novo ao antigo, a mistura de espaços e, principalmente, o resgate da tradição:

Nudez o papel-carcaça fede-branco osso que supura esse esqueleto verminoso onde ainda é vida a lepra rói uma quina do edifício na rua 23 e vê-se um sol murchado margarida-gigante despetalar restos de plástico num vidro violentado como um olho em celofane sérum o bicho-tênia recede nas cavernas do amarelo muco esgotescroto quem move a mola do narrar quem dis negpositivo da fá intestino escritural bula tinteiro-tênia autossugante vermi celo vermiculum celilúbrico mudez o papel-carcaça fedor-branco quem solitudinário Odisseu ouninguém nenhúrio ausculta um Tirésias de fezes vermicego verminíquo vermicoleando augúrios uma labirintestina oudisseia perderás todos os companh tautofágica retornarás marmorto fecalporto gondondoleando em nulaparte tudonada solilóquio a lunavoz odisseu nenhumnome [...] restos de plásticos celofanam fanam celúltima cena miss pussy biondinuda massageia um turfálico polifemo unicórneo manilúvio newyorquino nesse cavernocáldido umidoscuro rés do chão do edifício leproso da rua 23 entra-se por uma porta em coração estames de purpurina pistilos ou da rua 48 enjoy the ultimate in massage new york grooviest men's club the germini porta partida em coração lovely masseuses sauna waterbeds circe ao cono esplêndido benecomata odisseu nenhumnome parou aqui este livro uma tautodisseia [...] um livro perime o sujeito e propõe o leitor como um ponto de fuga este-livro agora travessia de significantes que cintilam como asas migratórias de novo a quinapulverulenta do edifício da rua 23 de novo circe la masseuse entre cortinas de mercúrio fluorescente e a cara glabra de um eunuco ressupino metade-convertendo-se em focinho porcino beneconata circe quem ouve a fábula exurgindo entre safira e fezes quem a vê que desponta sua réstia de rádio entre líxívia e sêmen para um rebanho de orelhas varicosas grandes ouvidos moucos orelhas de abano flácidasbandeiras murchas que des contemporanis ne savent pas lire ouvrier (CAMPOS, 2004, “nudez o papel-carcaça”)

Neste fragmento temos a recriação de dois episódios da *Odisseia*, que são: a caverna do gigante Polifemo e o encontro de Ulisses com a feiticeira Circe. A recriação desses dois episódios se dá com o jogo entre o velho e o novo, representados pelos personagens homéricos e pela escrita de Haroldo de Campos.

Os personagens homéricos são transcriados e transformados: Ulisses é uma tência que vive no intestino da poesia sugando, e se autossugando; Polifemo é um unicórneo e Circe é uma massagista. Todos eles se encontram na rua 23 de Nova York, que agora será sua nova morada. Neste mesmo fragmento temos a interposição e confusão de espaços e tempos, o presente e o passado. Essa confusão, ou melhor, mistura só é possível graças à intertextualidade com a *Odisseia*. Com isso temos o resgate da tradição via poesia.

A confusão das formas será mais uma das equivalências que unem “*Galáxias*” e tradução. No poema haroldiano, a confusão será uma forma de pensarmos o mito de Babel, após a ira de Deus sobre os homens. No fragmento transcrito acima há confusão de formas, pois, como já foi dito, os personagens homéricos são destituídos de seus aspectos tradicionais para ganharem outros que vão além do sentido estabelecido. Apesar de estarem inseridos em um

novo espaço e em um novo tempo, Ulisses, Circe e Polifemo acabam por se encontrar na rua 23 de Nova York, que será pensada e observada como sendo a metáfora da Babel pós-moderna. Nova York, na modernidade, é o centro da cultura e da informação. Tudo converge para lá: pessoas, estilos, línguas e culturas. Pereira dirá que a escritura galáctica representará o mito babélico, no sentido em que “Haroldo de Campos pratica uma escrita que se apresenta como caos e incompletude” (PEREIRA, 2008).

Inês Oseki-Dépré confronta o original e a tradução para captar as nuances da poesia haroldiana e o sentido da poesia na realidade, ou seja, a sua importância na linguagem e na história. É com a tradução que percebemos todos os processos semióticos, sintáticos, morfológicos e fonéticos que Haroldo de Campos usa em sua poesia. Da mesma maneira, é com a tradução que percebemos o diálogo e a intertextualidade tão característicos do poema galáctico. Por exemplo, Dépré somente percebe o diálogo e a intertextualidade de Haroldo de Campos com T. S. Elliot, Odorico Mendes, James Joyce e Homero a partir do momento em que foi capaz de traduzir Haroldo de Campos. É por isso que Dépré diz que “Galáxias” traz em si uma teoria da tradução como meio (instrumento) poético (2011, p. 144). O diálogo que Haroldo de Campos faz com esses autores, e que Dépré consegue captar na sua tradução, é um exemplo da tradição via tradução. Porém, a escolha desses autores não é feita por mero acaso. A escolha de Ulisses como representante do fragmento “mais uma vez junto ao mar” não é mera coincidência.

A outra referência à tradição clássica presente em “Galáxias” encontra-se no fragmento “*fecho encerro*”, que é o último dos fragmentos galácticos, onde vemos o diálogo entre o poema haroldiano e o poema camoniano, *Os Lusíadas*. Haroldo de Campos, para dar fim à sua viagem pelo mundo da linguagem e dos signos, se vale das mesmas palavras do poeta camoniano. Vejamos:

fecho encerro reverbero aqui me fino aqui me zero não canta não conto não quero  
anoiteço desprimavero me libro enfim neste livro neste voo me revoo mosca e aranha  
mina e minério corda acorde psaltério **musanãomaisnãomaisque destempero**  
joguei limpo joguei a sério nesta sede me desaltero me descomeço me encerro no  
fim do mundo (CAMPOS, 2004, “*fecho encerro*”)

Já no Canto X de *Os Lusíadas*, na Estância 145, lemos o seguinte:

*No mais, Musa, no mais, que a Lira tenho / Destemperada e a voz enrouquecida / E não do canto, mas de ver que venho / Cantar a gente surda e endurecida. / O favor com que mais se acende o engenho / Não no dá a pátria, não, que está metida / No gosto da cobiça e na rudeza / De hua austera, apagada e vil tristeza. (Lus., X, 145)*

A intertextualidade que liga Haroldo de Campos e Camões está relacionada ao canto, ou melhor, ao seu término. Em *Os Lusíadas* o poeta encerra o seu trabalho, que é o de cantar e louvar os grandes feitos de Portugal invocando a Musa, que é a representação da memória e da criação, e entristecido por estar cantando a uma gente que não valoriza a arte e a poesia. Ao fazer isso o poeta camoniano dá fim à sua narrativa. Mas apesar das lamentações do poeta, a viagem em *Os Lusíadas* teve início e fim. A busca foi concluída, o caminho das Índias foi encontrado e a história de Portugal será lembrada para sempre. Já em “*Galáxias*” não vemos o fim. Só vemos a partida, não a chegada. Como foi mencionado no início deste trabalho, o poema de Haroldo de Campos não possui um ponto final. A finalização do livro não é possível, pois no momento em que o poeta tenta fechá-lo a chave – que aqui pensaremos como metáfora de acabamento e engendramento da obra – lhe aparecem muitas e muitas possibilidades de criação poética, ou seja, o livro galáctico, ao ser fechado, mostra que ainda pode ser escrito e, por isso, continuado “enquanto se fecha a chave ele se multiabre” (CAMPOS, 2004, “fecho encerro”). A possibilidade de não haver fim para a viagem galáctica nos faz refletir sobre a estrutura do poema escrito por Haroldo de Campos. “*Galáxias*” não possui paginação, pontuação ou ligação entre seus fragmentos, que podem ser lidos aleatoriamente. Sendo que o primeiro e o último fragmento só são distinguidos por iniciarem com as expressões “começo aqui” e “fecho encerro”. Caso não fosse isso, eles poderiam ser lidos como os outros fragmentos sem ordem alguma de apresentação.

A alternativa que Haroldo de Campos dá ao leitor ao chegar ao não-fim da viagem galáctica é a da continuação, pois a viagem, em “*Galáxias*”, ao mesmo tempo que não tem fim não tem volta “nesse vós do livro que saltimboca e desemboca e pororoca nesse fim de rota de onde não se volta porque ir é volta porque no ir revolta a re viagem que se faz” (CAMPOS, 2004, “fecho encerro”). A viagem sem um ponto de chegada, ou seja, sem fim, não é característica apenas de “*Galáxias*”, mas, sim, de toda obra haroldiana. A leitura de “*Galáxias*” nos permite ver que, por não ter fim e muito menos volta, a viagem pelo mundo da linguagem e

da poesia nunca nos fará passar por um mesmo lugar ou uma mesma leitura. Sempre iremos descobrir novas possibilidades de leitura e criação. E foi por esse caminho que Haroldo de Campos empreendeu a sua obra.

**ABSTRACT:** The poem “Galaxies”, released in 1984, shows that the literary work of Haroldo de Campos is equivalent to the process of poetic translation, in the sense that both reveal a great interest in plurilingualism, miscegenation and dialogue between cultures and languages. In “Galaxies”, this work is realized through an act of reading turned back to tradition and marked by the interplay between old and new, memory and creation and intertextuality and dialogue with other authors. This research aims to show how the discussion about tradition is treated by Haroldo de Campos and the value it has to understand his work.

**KEYWORDS:** Haroldo de Campos. Tradition. “Galaxies”. Translation.

## Referências

BOITANI, Piero. *A sombra de Ulisses: com caderno de poemas selecionados e transcritos por Haroldo de Campos*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BARBOSA, João Alexandre. Literatura nunca é apenas Literatura. Disponível em <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_17\\_p021-026\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_17_p021-026_c.pdf)>. Acesso em: 02 ago. 2012.

CAMPOS, Haroldo de. *Galáxias*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2004.

\_\_\_\_\_. Poética sincrônica. In: \_\_\_\_\_. *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1975. p. 205-213.

\_\_\_\_\_. O Samurai e o Kakemono. In: \_\_\_\_\_. *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1975. p. 213-221.

\_\_\_\_\_. Apostila: diacronia e sincronia. In: \_\_\_\_\_. *A arte no horizonte do provável e outros ensaios*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1975. p. 221-225.

\_\_\_\_\_. Transblanco: Reflexões sobre a transcrição de Blanco, de Octavio Paz, com um excursão sobre a teoria da tradução do poeta mexicano. In: CAMPOS, Haroldo de; PAZ, Octavio. *Transblanco*. 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1994. p. 63-69.

\_\_\_\_\_. Do epos ao epifânico (Gênese e Elaboração de “Galáxias”). In: \_\_\_\_\_. *Metalinguagens e outras metas*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

*Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 11, p. 01-14, dez. 2012. Recebido em: 31 out. 2012. Aceito em: 27 nov. 2012.

CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Organização, apresentação e notas de Emanuel Paulo Ramos. Porto: Porto Editora, s/d.

DÉPRÉ, Inês Oseki. Leitura finita de um texto infinito: “Galáxias” de Haroldo de Campos. *Alea*, v. 13, p. 128-153, jan/jul. 2011.

PEREIRA, Cristina Monteiro Castro. “Galáxias”: fragmentos de Babel. Disponível em: <[http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/004/CRISTINA\\_MONTEIRO.pdf](http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/004/CRISTINA_MONTEIRO.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2012.

TONETO, Diana Junkes Martha. Entre a invenção e a tradição: história e utopia no projeto poético de Haroldo de Campos. *IPOTESI*, Juiz de Fora, v. 12, p. 95-105, 2008.

\_\_\_\_\_. O mar e as viagens: épico e romance grego antigo em “Galáxias” de Haroldo de Campos. Disponível em: <<http://www2.unemat.br/literaturamt/revista-ale/docs/terceiro/O-mar-e-as-viagens.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2012.

*Revista Literatura em Debate*, v. 6, n. 11, p. 01-14, dez. 2012. Recebido em: 31 out. 2012. Aceito em: 27 nov. 2012.